

Colin sente apoio na Europa

por Célia de Gouvêa Franco
de Brasília

Os bancos europeus, de maneira geral, demonstram uma firme predisposição para partir para uma nova fase de renegociação das dívidas externas dos países latino-americanos em bases bastante diferentes do que ocorreu anteriormente. Aceitariam, em princípio, prazos mais longos, uma fórmula para conter os pagamentos de juros — talvez capitalização das taxas, como se estuda atualmente — e negociações em outras moedas que não o dólar. Para os devedores, essa hipótese de acertar operações em outras moedas poderia trazer a vantagem de taxas menores, ao se fazer uma “cesta” com moedas diferentes e juros diversificados.

Essa impressão de uma disposição mais flexível foi transmitida ao presidente do Banco do Brasil, Oswaldo Colin, por representantes de treze bancos europeus que participaram, no início desta semana, em Roma, da Assembléia Anual do Eulabank, do qual o BB é um dos 26 sócios. Além desses treze associados europeus, existem ainda treze sócios latino-americanos e todos apresentaram como centro de suas preocupações a busca de caminhos para a recuperação dos devedores.

Os bancos europeus também demonstraram que encaram seriamente as iniciativas conjuntas dos países latino-americanos, como a nota enviada às sete nações industrializadas e a reunião marcada para Cartagena ainda neste

mês. Para Colin, ficou evidente que esses bancos acreditam que as negociações para acertar as dívidas dos latino-americanos continuarão sendo feitas isoladamente por cada governo, mas é importante a discussão dos problemas comuns. O próprio presidente do BB considera que “as negociações em si sempre se farão a nível técnico, mas uma frente política que defina uma filosofia de negociação é absolutamente defensável”. A reunião de Cartagena, nesse contexto, será mais um passo no sentido de sensibilizar os credores.

Para Colin, qualquer alteração na atitude dos governos e das instituições internacionais é vital para se conseguir um avanço nas condições das próximas renegociações. Os bancos privados, isoladamente, não assumirão uma posição mais flexível, mas manifestações concretas dos bancos centrais ou do Fundo Monetário Internacional nesse sentido contribuirão para uma postura menos ortodoxa também dos banqueiros.

O presidente do BB foi bastante cauteloso, ainda, nas suas previsões quanto ao comportamento dos juros no exterior nos próximos meses. Ele lembrou, porém, dois pontos fundamentais para qualquer projeção: a ajuda concedida pelo governo e pelos bancos norte-americanos no programa de “salvamento” do Continental Illinois Bank, com uma injeção adicional de recursos na economia, e a guerra no Oriente Médio, classificada por ele de extrema gravidade.